

**A NOVA REPRESENTAÇÃO FAMILIAR NA TELENOVELA *AMOR Á VIDA*:  
MORALIDADE, RECONHECIMENTO E ÉTICA**

**Lívia Cretaz<sup>1</sup>**

**Resumo:**

Este artigo é um desdobramento da Pesquisa (em desenvolvimento) para obtenção do título de Mestre. O tema da dissertação possui duas vertentes: o viés dentro da televisão brasileira, as telenovelas e a temática da vilania a partir das representações do personagem Félix Khoury de *Amor á Vida* (Rede Globo, 2013) e, em outro vértice, analisaremos as leituras realizadas por integrantes da comunidade LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) a partir da persona supramencionada. Este trabalho propõe apresentar reflexões sobre o porquê famílias homossexuais não são vistas como sinônimo de moralidade (é sabido que eles existem, mas ficam em segundo plano) e questionar o porquê de apenas núcleos heterossexuais são aceitos pela sociedade.

**Palavras-chave:** Ética e moral. Telenovela. Félix Khoury. Construção familiar.

**Telenovelas e identificação com os espectadores**

Neste artigo, trabalharemos a constituição e representação familiar, com o olhar voltado ao personagem Félix Khoury de *Amor á vida*. Existe um conflito entre pai e filho que norteia o desenrolar da narrativa. César não aceita o fato de seu filho ser homossexual, e por tanto, contrata uma garota de programa – Edith – para seduzi-lo e conquistá-lo. Félix em favor de conseguir a aceitação de seu progenitor acaba casando-se com a moça escolhida e têm um filho, Jonathan, tendo assim o reconhecimento como “homem correto e chefe de família”, como diria Nancy Fraser (2007) <sup>2</sup>:

Em todos esses casos, a interação é regulada por um padrão institucionalizado de valoração cultural que constitui algumas categorias de atores sociais como normativos e outros como deficientes ou inferiores: heterossexual é normal, gay é perverso; “famílias chefiadas por homens” são corretas, “famílias chefiadas por mulheres” não o são; “brancos” obedecem à lei, “negros” são perigosos. (...) Em todos os casos, conseqüentemente, uma demanda por reconhecimento é necessária. Mas note precisamente o que isso significa: visando a não valorizar a identidade de grupo, mas superar a subordinação, as reivindicações por

<sup>1</sup> Programa de Pós Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo – ESPM. [liviacretaz@hotmail.com](mailto:liviacretaz@hotmail.com)

<sup>2</sup> FRASER, Nancy. “Reconhecimento sem ética?” In: Lua Nova, n°70, 2007.

reconhecimento no modelo de status procuram tornar o sujeito subordinado um parceiro integral na vida social, capaz de interagir com os outros como um par. Elas objetivam, assim, desinstitucionalizar padrões de valoração cultural que impedem a paridade de participação e substituí-los por padrões que a promovam”. (FRASER, 2007, p. 108).

A telenovela aproxima os espectadores e sua trama lhes traz formas de identificações com seus conflitos pessoais. Neste momento, destacaremos a relevância da telenovela no cotidiano do receptor, e mais adiante retomaremos a questão familiar. De acordo com Baccega (1998) <sup>3</sup> esta aproximação se dá na medida em que as práticas culturais dos receptores – isto é, as referências a partir das quais visualizam, interagem, compreendem e praticam a realidade – interferem e balizam todo o processo comunicacional. Nas palavras da autora:

O significado da comunicação, as significações dos produtos culturais, incluindo os produtos dos meios de comunicação, relacionam-se com o cotidiano do sujeito receptor, com suas práticas culturais, com as marcas que influenciam seu modo de ver e praticar a realidade, e que são aquelas que lhe dão segurança necessária para estruturar, organizar/reorganizar a percepção dessa realidade, reconstruindo-a com destaques ou apagamentos, de acordo com sua cultura. Essas práticas culturais constituem os filtros, as mediações, que interferem em todo o processo comunicacional, balizando-o. (BACCEGA, 1998, p.7).

No contexto da televisão, trazemos a essa discussão a telenovela, aqui entendida como espelho de conflitos cotidianos, como defendido por Lopes, Borelli e Resende (2002)<sup>4</sup>:

Roger Silverstone (1996) já havia mencionado que a *soap opera*, na medida em que representa as utopias, distopias e problemas das cidades, atua como um ‘coro grego para os dramas da vida cotidiana’. O que desejamos destacar aqui é que a telenovela não só encontra ressonância com as classes populares a partir da representação dos dramas do cotidiano, mas, também, por representar o tempo em diálogo com o tempo vivido pelo telespectador (LOPES, RESENDE, BORELLI, 2002, p. 362).

---

<sup>3</sup> BACCEGA, Maria A. Recepção: nova perspectiva nos estudos de comunicação. *Comunicação & Educação*. São Paulo, v. 4, n. 12. 1998.

<sup>4</sup> LOPES, M. I. V. de.; BORELLI, Silvia H. S.; RESENDE, Vera da R. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, telefonicidade*. São Paulo: Summus Editorial, 2002.

Trazemos novamente as palavras de Lopes, Borelli e Resende (2002)<sup>5</sup> quando se referem às questões identitárias:

A telenovela é entendida como um constructo que ativa na audiência uma competência cultural e técnica em função da construção de um repertório comum, que passa a ser repertório compartilhado de representações identitárias, seja sobre a realidade social, seja sobre o próprio indivíduo (LOPES, BORELLI, RESENDE, 2002, p. 23).

ENNE (2006)<sup>6</sup> defende que o consumo tem grande impacto na formação identitária dos indivíduos na contemporaneidade. Pondera ainda que a mídia tem grande impacto não somente na formação dessas identidades individuais, mas também na possível anulação e exclusão destas para favorecer um “consumo massificado” (ENNE, 2006). Adentrando nos estudos de Hall, Enne (2006) pondera que o indivíduo, na atualidade, percebe-se cada vez mais aberto a se constituir como sujeito, buscando referências para ancoragem de identidade como corpo, consumo e mídia, sendo que a última, ao mesmo tempo em que alarga as possibilidades de ancoragem, tenta padronizá-las de acordo com seus interesses. Complementando esse assunto, Fraser (2007)<sup>7</sup> coloca a identidade perante o grupo como forma de remodela-la e assim criando uma nova cultura, uma cultura própria.

O modelo de identidade que exige reconhecimento é a identidade cultural específica de um grupo. O não reconhecimento consiste na depreciação de tal identidade pela cultura dominante e o consequente dano à subjetividade dos membros do grupo. Reparar esse dano significa reivindicar “reconhecimento”. Isso, por sua vez, requer que os membros do grupo seu unam a fim de remodelar sua identidade coletiva, por meio da criação de uma cultura própria auto afirmativa. Desse modo, no modelo de reconhecimento da identidade, a política de reconhecimento significa “política de identidade”. (FRASER, 2007, p.106).

Quando falamos em mídia, não podemos deixar de mencionar “cultura da mídia” de Kellner. A cultura da mídia é uma força dual que, ao mesmo tempo em que oferece instrumentos para construção e fortalecimento de identidades, reforça a constante necessidade de reformulação desta, enquanto realiza formas de dominação ideológica em favor das relações de poder vigorantes (KELLNER, 2001). Assim, a mídia é um espaço em

---

<sup>5</sup> IDEM 5.

<sup>6</sup> ENNE, Ana Lucia S. À Perplexidade, a complexidade: a relação entre consumo e identidade nas sociedades contemporâneas. In: Comunicação, Mídia e Consumo. V. 3, n. 7, p. 11-29. São Paulo: ESPM, 2006.

<sup>7</sup> FRASER, Nancy. “Reconhecimento sem ética?” In: Lua Nova, nº70, 2007.

que se podem ampliar as possibilidades de identificação, mas, ao mesmo tempo, revela-se como influente disseminador e fortalecedor do poder econômico e político.

Sendo assim, podemos apontar que existe empatia por parte do público em relação ao enredo e aos personagens, de um modo ou de outro, existe identificação do público com o personagem, seja por suas atitudes, seja pelas questões dos conflitos apresentados. Os espectadores se projetam na trama e nos personagens, enxergam suas vidas sendo contadas. As histórias ali narradas poderiam ser fatos reais deles, é como se estivessem consumindo novamente sua própria vida. Adentrando especificamente no quesito do melodrama, ele enquanto traz as memórias ao imaginário, produz insumos para a indústria cultural fazendo ela presente no dia a dia das pessoas.

A mídia teria posição fundamental na relativização dos parâmetros de identidade, ao mesmo tempo em que coloca estes em disposição organizada de acordo com ideologias. E nesse terreno de disputas pelo direito de significar, que a construção de identidades e sua relação com a construção de identidades é crucial, bem como a luta pelo poder nas áreas política e econômica – que obviamente influenciam os produtos culturais e a forma como a mídia propaga seus valores.

Seria essa identificação do público com a trama o sucesso das telenovelas? O espectador assistindo a conflitos semelhantes aos seus, se sente confortado? “Começamos a suspeitar de que o que faz a força da indústria cultural e o que dá sentido a essas narrativas não se encontra apenas na ideologia, mas na cultura, na dinâmica profunda da memória e do imaginário” (Martín-Barbero, 1997, p.308)<sup>8</sup>. Talvez possamos dizer que com essa projeção, e tendo a teledramaturgia desfecho positivo na maioria das vezes, a audiência crie esperanças para seus desfechos também.

## **Representações e formações familiares**

O personagem Félix foi impelido a se casar para agradar ao pai, que renegava sua orientação sexual, forçando assim a construção de um núcleo familiar de aparências, que algumas vezes podem condizer com a realidade de algumas famílias. Para César, era

---

<sup>8</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

importante que sua família tivesse o reconhecimento da sociedade e assim, tivesse seu modelo de *status* consolidado, conforme Fraser (2007)<sup>9</sup> descreve:

“A proposta é tratar o reconhecimento como uma questão de status social. Dessa perspectiva – *modelo de status* – o que exige reconhecimento não é a identidade específica de um grupo, mas a condição dos membros do grupo como parceiros integrais na interação social. O não reconhecimento, conseqüentemente, não significa depreciação e deformação da identidade de grupo. Ao contrário, ele significa subordinação social no sentido de ser privado de participar como igual na vida social. Reparar a injustiça certamente requer uma política de reconhecimento, mas isso não significa mais uma política de identidade”. (FRASER, 2007, p. 107).

Tomando como referência Hamburger (1998)<sup>10</sup>, a autora ressalta “os modelos de homem e mulher, de namoro e casamento, de organização familiar, divulgados pela novela e sucessivamente atualizados, amplificam para todo o território nacional as angústias privadas das famílias” (HAMBURGER, 1998, p. 443).

No entanto, a estrutura da família brasileira vem aceitando modificações na questão de tornar-se mais diversificada, a novela tende a se inspirar dessa realidade de maior heterogeneidade desenhando os novos arranjos familiares. Como defende Fraser (2007), as diferenças devem ser “amigáveis” bem como as minorias étnicas (raça, gênero) devem ser reconhecidas (FRASER, 2007, p. 101-102)<sup>11</sup>.

Esse tipo de informação pode ter um papel social relevante, pois não estamos falando unicamente em um retrato, mas em trazer novas situações de interação e, sendo assim, de acordos e de subversões, que estão presentes nas diversas modalidades de famílias.

Não se pode negar que mudanças vêm acontecendo na estrutura familiar brasileira nos últimos anos. O caráter do núcleo família, isto é, casal com ou sem filhos, continua predominante, mas o “tamanho” da família diminuiu, e cresceu o número de uniões

---

<sup>9</sup> FRASER, Nancy. “Reconhecimento sem ética?” In: Lua Nova, nº70, 2007.

<sup>10</sup> HAMBURGER, Esther. Diluindo Fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. Em: Schwarcz, L.M. (Org.) História da vida privada no Brasil – Volume 4 (439-487). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>11</sup> FRASER, Nancy. “Reconhecimento sem ética?” In: Lua Nova, nº70, 2007.

conjugais sem vínculos legais e de arranjos monoparentais - aqueles caracterizados pela presença do pai com filhos ou da mãe com filhos (BERQUÓ, 1998, p. 414).

O modo com que a família brasileira é retratada nas telenovelas congrega novos arranjos familiares que as possibilidades de construção de relacionamentos vêm recentemente originando, sem abdicar da ideia de que existe uma unidade ideal que se chama *família*, e que é, em si mesma, um valor a ser resguardado, bem como a afirmação de que essa família deve ser produto de um relacionamento heterossexual.

Por que os arranjos presentes nas estórias estão alinhados com uma representação de família que favorece a configuração de família com filhos, representada por relações afetuosas entre irmãos e entre pais, gerida por um casal cujo padrão de interação é apropriado ainda que possam ser evidentes diferentes atribuições de marido e esposa, de maneira geral, casar e ter filhos aparece como um padrão a todos? Essa família poder ser “tecnicamente aceitável” as vistas da sociedade, no entanto, no âmago as relações, os laços afetivos podem ser inexistentes, sendo apenas um espaço físico de moradia.

## **A imposição do núcleo familiar de Félix**

O personagem de Félix nasceu para ser o antagonista - o primeiro homossexual das telenovelas dos últimos anos – no entanto, seu papel foi ganhando tamanho espaço que podemos dizer que hoje ele é o protagonista. Esse crescimento nos trouxe à tona assuntos antes pouco abordados, sendo assim é relevante destacar sua repercussão.

Para ilustrar a repercussão da possível formação de um novo casal homossexual na trama, traremos alguns comentários feitos por telespectadores <sup>12</sup>:

Concordo plenamente com o ponto de vista de Mauro Mendonca Filho: A classe media brasileira (a grande consumidora e telespectadora de novelas), assim como o publico de formação mediana, não estão preparados para enxergar uma relação homossexual como algo natural e afetivo. A hipocrisia e o fundamentalismo em torno do "valor familiar" estão acima disso, como se hoje em dia não vivêssemos uma realidade com muito mais informação sobre esse tema. Vivemos de clichês: "loira é sempre burra", ou "negro é sempre marginal", etc. O senso coletivo ainda é aquele de "não tenho nada contra, ATÉ tenho amigos gays", uma

---

<sup>12</sup> Disponível em: <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/01/09/solano-fragoso-e-antony-falam-ao-uol-dos-gays-de-amor-a-vida-em-gravacao.htm> Acesso em 10/01/2014.

afirmativa já com preconceito enraizado por si só. Fala-se em "ditadura gay" - uma expressão completamente alienada - enquanto gays passaram anos e mais anos sendo perseguidos, achincalhados e sem qualquer direito legal assegurado. Brasileiro é mesmo um povo muito estranho... (Sujeito 1)

Claaaaro. Mas essa é a grande sacada. Vai se colocando o assunto na mídia de uma forma bem humorada, divertida, alegre. caricata, fazendo com que a sociedade comece a achar isso bonitinho, tchuchuquinho, ai que dó, que gracinha, iú-iú ié-ié, salci fufu, para dizer como um grande filósofo brasileiro; enfim, vai se enfiando goela abaixo da população que ser gay é legal, é normal e bonitinho.... (Sujeito 2)

Não tenho nada contra homossexuais. Para mim são pessoas comuns. Não vejo problema que tenham os mesmos direitos civis dos heteros. Tenho conhecidos gays e os considero pessoas educadas, honestas, competentes, confiáveis e discretas quanto à sua opção sexual, e para mim é o que basta para que devam ser respeitados, pois o que acontece entre quatro paredes não é da conta de ninguém. Mas isso não impede que eu tenha repulsa da relação carnal entre dois homens e que deseje para os meus filhos relacionamentos e uniões tradicionais. Acho ridículo o proselitismo imoral a favor da causa gay que tomou conta da mídia, em especial nas novelas da Globo onde a proporção de gays é infinitamente maior que no resto da população. Quero poder achar graça de uma piada inteligente sobre gays, sem ser taxado de homofóbico pelos patruheiros do politicamente correto, pois por mais que tentem incutir nas nossas cabeças, relação homossexual não é uma coisa natural. (Sujeito 3)

A partir de comentários como estes, percebemos que o público nas está preparado para aceitar a homossexualidade na televisão – que sá dentro das suas casas, com seus irmão ou filhos. É inegável que a comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis e Transexuais) vem se movimentando em favor da aceitação e conquistando seu espaço, nas palavras de Giddens (1993) <sup>13</sup>:

Em uma época subsequente, grupos e movimentos interessados começam ativamente a reivindicar aceitação social e legitimidade legal para a homossexualidade, contestando inclusive a terminologia de desvio. (...) A subsequente criação de grandes comunidades gays proporcionou um florescimento de novos grupos e associações, muitos deles promovendo preferencias sexuais minoritárias. A batalha para assegurar a tolerância

---

<sup>13</sup> GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.



pública à homossexualidade provocou o “aparecimento” de outras organizações interessadas na promoção do pluralismo sexual. (GIDDENS, 1993, p. 43-44).

Para Gatti (2011)<sup>14</sup>, a questão da homossexualidade vem derrubando barreiras:

a masculinidade teve de enfrentar redefinições, especialmente com a assunção identitária e pública de *gays* e lésbicas que, ao ultrapassarem a barreira da invisibilidade social, colocaram em cheque conceitos de normalidade e abalaram certezas que ainda parecem sustentar o que resta do patriarcado. (GATTI, 2011, p. 14).

Mesmo a televisão discutindo essas questões, os homossexuais ainda enfrentam um forte e aberto preconceito. Se formos rever o passado e um pouco do presente, as mulheres ainda enfrentam resistência em sua entrada no mercado de trabalho e sua participação na economia. Refletindo a partir de Fraser (2007)<sup>15</sup> não só as mulheres sofrem preconceito, mas também “brancos heterossexuais, enfrentam maiores obstáculos se eles optam por perseguir projetos e cultivar características que são culturalmente codificadas como femininas, homossexuais ou “não brancas”.” (FRASER, 2007, p. 114).

É nítido que os obstáculos ainda existam e dão margem ao preconceito, no entanto, para Grundmann (2011)<sup>16</sup>, a luta é importante e de valia, mas ainda existem muitas barreiras a serem vencidas:

Não há dúvida de que a luta por direitos iguais é importante. Mas como alguns pensadores *queer* já assinaram, a promoção do casamento *gay* beira o risco de dividir a comunidade *gay* entre os *gays* bons (os casados) e os *gays* maus (aqueles que permanecem promíscuos). Acaba-se mantendo o que os *gays* já fizeram demais: tentar conquistar o respeito dos heterossexuais e provar que os *gays*, afinal de contas, não são diferentes deles. Ironicamente, no que todos estão de acordo é que ser *gay* é algo específico e mesmo misterioso apenas quando um ator hétero declara como é difícil representar um personagem *gay*, porque “sentir-se como” uma pessoa “tão diferente” é supostamente um grande desafio. (GRUNDMANN, 2011, p. 34)

---

<sup>14</sup> GATTI, José; PENTEADO, Fernando Marques. Masculinidades: teoria, críticas e artes. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

<sup>15</sup> FRASER, Nancy. “Reconhecimento sem ética?” In: Lua Nova, n°70, 2007.

<sup>16</sup> GRUNDMANN, Roy. Retorno a Brokeback Mountain. In: Masculinidades: teoria, críticas e artes. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.



É possível perceber que as barreiras existentes são oriundas dos valores tradicionais, no entanto, barreiras são movíveis. É um processo que pode durar ainda muito tempo, mas isso não significa que será imutável, afinal, muito já foi feito e conquistado em prol da aceitação homossexual.

## **Considerações finais**

Por tudo que foi apresentado, conseguimos concluir que a questão do reconhecimento é mais bem tratada como uma questão da justiça e, portanto, da moralidade, do que como uma questão da boa vida e, desse modo, da ética (FRASER, 2007)<sup>17</sup>. Para idealizar e alcançar o reconhecimento no modelo de status devemos tratá-lo como uma questão da justiça.

É justo que famílias formadas por duas mulheres sejam socialmente aceitas, é justo que um homossexual assuma sua sexualidade sem opressão, é justo que as pessoas manifestem suas relações afetivas e que sejam elas quais forem, sejam aceitas. No entanto, as representações de uma possível formação homossexual proposta por *Amor á vida* é rejeitada, ou ainda quando aceita com a ressalva de ser na casa do vizinho, na família do amigo, não em seu âmbito familiar.

Debater sobre a ética é um amplo convite sobre o *dever ser*. Sobre atitudes que levam a uma ação moral sobre o discernimento entre o justo e o injusto, o certo e o errado, o bom e o mau – e fazer suas correções. Como uma reflexão sobre as virtudes e expectativas do ser humano a ética no cotidiano segue o livre arbítrio, sendo assim mutável em detrimento de algumas situações, o *dever ser* e os códigos e normas de morais podem mudar.

Ressaltamos por fim, o pluralismo sendo fundamental quando levamos em conta o monismo corporal. Teríamos de atribuir à realidade diversos predicados incompatíveis com a nossa experiência de mundo.

---

<sup>17</sup> FRASER, Nancy. “Reconhecimento sem ética?” In: Lua Nova, n°70, 2007.

## Referências

BACCEGA, Maria A. **Recepção: nova perspectiva nos estudos de comunicação.** *Comunicação & Educação*. São Paulo, v. 4, n. 12. 1998.

LOPES, M. I. V. de.; BORELLI, Silvia H. S.; RESENDE, Vera da R. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade.** São Paulo: Summus Editorial, 2002.

ENNE, Ana Lucia S. **À Perplexidade, a complexidade: a relação entre consumo e identidade nas sociedades contemporâneas.** In: *Comunicação, Mídia e Consumo*. v. 3, n. 7, p. 11-29. São Paulo: ESPM, 2006.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** São Paulo: EDUSC, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Ed. da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

FRASER, Nancy. **“Reconhecimento sem ética?”** In: *Lua Nova*, nº70, 2007.

BERQUÓ, Elza. **Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica.** Em SCHWARCZ, L.M (Org). *História da vida privada no Brasil – Contrastes da intimidade contemporânea* (412 – 437). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HAMBURGER, Esther. **Diluindo Fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano.** Em: Schwarcz, L.M. (Org.) *História da vida privada no Brasil – Volume 4* (439-487). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas –** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GATTI, José; PENTEADO, Fernando Marques. **Masculinidades: teoria, críticas e artes.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

GRUNDMANN, Roy. **Retorno a Brokeback Mountain.** In: *Masculinidades: teoria, críticas e artes.* São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/01/09/solano-fragoso-e-antony-falam-ao-uol-dos-gays-de-amor-a-vida-em-gravacao.htm> - Acesso em 10/01/2014.